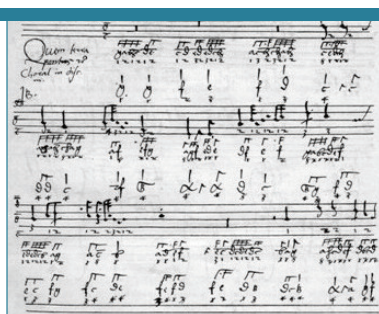


A Organaria enquanto bem identitário

A imaterialidade de combinar sons e silêncio exige-nos dar importância à preservação do património musical. Por conseguinte, a recente intervenção no órgão de tubos pertencente à Capela de Nossa Senhora da Esperança, em Sátão, Viseu fez perdurar este instrumento de excelência e de destaque na liturgia cristã, revitalizando o culto divino.



Notação musical para órgão datada do século XVI¹.

PATRIMÓNIO IMATERIAL: SALVAGUARDAR PARA TRANSMITIR

O conceito de Património é amplo e engloba categorias como material e imaterial, que respeitam as directivas de qualidade, lugar e situação, temporalidade e substância patrimonial, tanto pública como privada. Salientamos assim a importância da preservação do património musical dando como exemplo a Organaria e um caso prático, seguindo as linhas da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, em vigor desde 20 de Abril de 2006, relativa à protecção dos bens culturais, que se ressaltam como resumo do património imaterial da humanidade: as tradições orais, os reportórios musicais, os saberes construtivos,

lendas, costumes, etc.. Enaltece o carácter determinante desta categoria o elo à comunidade que a produz.

Assim sendo, o caso em análise manifesta-se nos domínios da prática social, concretamente da comunidade litúrgica e dos fiéis que ritualizam o seu dia-a-dia, como também, num sentido mais lato, no domínio da arte, na medida em que exalta as artes do espectáculo. Pretende-se, portanto, a sensibilização para a salvaguarda do bem identitário como um fim em si mesmo, cuidando do património imaterial e garantindo a transmissão colectiva de geração para geração.

AS ARTES DO ESPECTÁCULO, OS EVENTOS FESTIVOS E A ORGANARIA

A música é uma arte de representação incluída nas artes do espectáculo como forma de linguagem e de expressão. A sua prática cultural e a sua herança, forjadas pelo homem, devem ser preservadas e, neste sentido, a preservação do património musical é uma forma de sobrevivência da própria musicalidade e da sua imaterialidade.

O órgão é o mais complexo dos instrumentos a nível de construção: possui grande potência sonora, tendo

sido o primeiro instrumento de teclas. Recria a sensação entre o tangível e o intangível – ao pressionar uma tecla, a nota do órgão prolonga-se, não pára, é eterna.

Outrora ligado a manifestações laicas, o seu uso foi autorizado nas igrejas pelo Papa Vitaliano no século VII. Torna-se participante na acção litúrgica com Pio XI e indispensável no cerimonial litúrgico no pontificado do Papa Pio XII: *tenha-se em grande apreço na Igreja latina o órgão de tubos, instrumento musical tradicional e cujo som é capaz de dar às cerimónias do culto um esplendor extraordinário e elevar poderosamente o espírito para Deus*².

A Igreja transformou-o, dando-lhe grandes proporções físicas, firmeza e magnificência; nas igrejas católicas, por norma, o órgão situa-se numa zona elevada em relação aos fiéis, no coro alto ou na capela-mor, em tribuna.

O órgão materializa o canto de um coro, de um solista, o início de um serviço eucarístico e o seu desfecho; proporciona vivências da comunidade dentro dos espaços religiosos, através do sentido da audição – a cultura e o estado emocional de cada indivíduo vai ter impacto na forma como reinterpreta o que ouve, embora se encontre inserido

num ritual comum. O enriquecimento que este instrumento dá ao culto é relevante para os seus membros, pois identifica-os e torna-os distintivos de outras comunidades. As igrejas são lugares de concertos realizados fora das celebrações devendo identificar-se com a música religiosa: *não é legítimo programar para uma igreja a execução de uma música que não seja de inspiração religiosa e que foi composta para ser executada em contextos profanos precisos, seja ela clássica, ou contemporânea, de alto nível ou popular: isto não respeitaria o carácter sagrado da igreja, e a mesma obra musical seria executada num contexto que lhe não é conatural*³.

Isso acontece se a função do objecto (instrumento) se mantiver funcional e preservada, ou seja, no caso do órgão de tubos da Capela de Nossa Senhora da Esperança, permite que o organista mantenha viva a exaltação do culto através da arte musical de índole sacra.

PRESERVAR A IMATERIALIDADE DE UM ÓRGÃO DE TUBOS

Enquanto instrumento musical, o principal elemento que define um órgão de tubos é a composição dos seus registos e a sua particular maneira de soar, que deve ser respeitada e preservada. Neste campo, sob o pretexto do tratamento material do objecto, uma intervenção de conservação e restauro não pode provocar alterações significativas na sonoridade original. Aliás, os objectivos da intervenção de conservação e restauro deverão ser, não só a recuperação estética e a preservação dos materiais, mas sobretudo a recuperação da especial maneira de soar daquele órgão em particular, da sua sonoridade original.



Vista de pormenor sobre os três corpos de tubos do órgão da Capela de Nossa Senhora da Esperança.

Por este motivo, uma intervenção neste campo de trabalho terá de pautar-se necessariamente por um duplo critério: o critério de intervenção mínima relativamente aos elementos existentes, mas indo mais além quanto aos elementos em falta, repondo-os com novos tubos construídos com as mesmas técnicas e materiais originais, muito embora dotando-os de uma marca, para que possam ser claramente diferenciáveis dos originais.

A recuperação do órgão de tubos da Capela de Nossa Senhora da Esperança obedeceu criteriosamente a tais preceitos: a intervenção, realizada pelo Atelier Samthiago e pelo Mestre Organeiro Manuel Fonseca, teve sempre como fio condutor e principal objectivo a recuperação do seu som original; procurou-se, pois, a recuperação integral da sua imaterialidade patrimonial.

Este órgão foi executado em 1768, por Francisco António Solha, Mestre Organeiro galego, radicado em Portugal na segunda metade do século XVIII: de estilo rococó, situado no coro alto do lado da Epístola, é classificado por decreto de 1978. É um exemplar muito interessante pela sua qualidade, proporção e quantidade de recursos musicais de que dispõe: a sua caixa, com quase quatro metros de altura, alberga seis registos para cada mão (de carácter Ibérico 6+6, com três corpos de tubos); a torre central, semicircular, alinha os tubos, os quais se encontram assentes sobre uma estrutura decorada por meio de concheados e enrolamento.

No espaço correspondente ao Atril do órgão, por cima do teclado, podemos ler uma máxima de exaltação à Virgem, em estrita ligação com a musicalidade do instrumento: *Aplauda agora Maria com o órgão*.




Concerto de música sacra, promovido na recém-recuperada Capela de Nossa Senhora da Esperança. Vista geral sobre a nave⁴.

CONCLUSÃO

A conservação de um órgão de tubos é uma disciplina específica, distinta de qualquer outra, mesmo dentro da conservação e restauro, especificidade que resulta em parte da sua dualidade funcional – obra de arte e instrumento musical. Qualquer elemento mecânico, estrutural ou sonoro que lhe falte, deve ser restituído, ao contrário do que se passa em outras disciplinas da Conservação e Restauro: não se pode aqui simular com pequenos traços ou cromatismos mais suaves discerníveis apenas a curta distância, como se faz no restauro de pintura ou policromia em geral; se se tratasse de uma escultura, com a falha de um dedo ou de um braço, poderíamos deixá-la sem esse elemento, sem que o observador tivesse dificuldade de perceber a essência da peça.

Num instrumento musical, se faltam elementos produtores de som, não se pode imaginar o som da música, da forma para que foi concebido, não se consegue sentir a sonoridade particular daquela obra de arte. Nesta coincidência, num mesmo objecto, de um património material riquíssimo e de uma beleza extraordinária e de um património imaterial cheio de simbologia e significado, temos de privilegiar esta segunda característica, o que constitui, de facto, a especificidade de uma intervenção deste tipo – daí a importância de recuperarmos a particular maneira de soar de um órgão de tubos.

O órgão da Capela de Nossa Senhora da Esperança é um instrumento emblemático que mereceu ser devolvido ao seu estado original sem nenhum tipo de limitação: hoje

cumpra a sua dupla função – embelezar e enriquece o espaço em que se encontra e, a nível funcional, é utilizado para dar diversos concertos onde o seu som único surge em comunhão com toda a envolvimento Barroca. 

NOTAS

- ¹ Wolfenbüttel Herzog August Bibliothek.
- ² Constituição Apostólica SACROSANCTUM CONCILIIUM, artigo n.º 120.
- ³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Concerti nelle chiese*, n.º 8, in EV 10, 2259.
- ⁴ Gabinete de Comunicação Social da Câmara Municipal de Sátão – 8 de Setembro de 2010 (Fonte).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- EUSÉBIO, Maria de Fátima – A capela de Nossa Senhora da Esperança, Ed. Fundação Mariana Seixas: Viseu, 2006.
- GOMES, Manuel Saturino da Costa – *Património Classificado*. Actas dos encontros promovidos pelo IPPAR e pela UCP. Universidade Católica: Lisboa, 1997.
- MIGUEL, Ana M. M. – *Historia de la conservación y la restauración desde la antigüedad hasta el siglo xx*. Editorial Tecnos: Madrid, 2002. pp. 245-246.
- RAMOS, Célia – O órgão de tubos – das origens profanas à consagração religiosa. In Revista da Faculdade de Letras – DCTP. Faculdade de Letras do Porto: Porto, 2003. vol. 2. pp. 229-244.
- RAMOS, Manuel João – Breve nota crítica sobre a introdução da expressão “património intangível” em Portugal. In, *Conservar para Quê?*. DCTP-FLUP-CEAUCP-FCT: Porto-Coimbra, 2005. pp. 67-76.
- UNESCO – http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/temas/cul_tema.php?t=9. 18 Nov. 2010.
- UNESCO – http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/docs/cul_doc.php?idd=16. 18 Nov. 2010.

ANTÓNIO OLIVEIRA,
Conservador-restaurador
aoliveira@samthiago.com
CARLOS COSTA,
Conservador-restaurador, sócio-gerente
ccosta@samthiago.com
Atelier Samthiago – Conservação e Restauro